

Brasília, 4 de março de 1988

Carta ao Editor

CEDI - P. I. B.
DATA 04/04/88
COD. YAD 00320

YANOMAMI: VIOLÊNCIA DOS BRANCOS

A propósito da matéria Violência, marca dos Yanomami, publicada na página 14 do Estado de São Paulo em 1º de março de 1988, gostaríamos de ressaltar dois pontos fundamentais. Primeiro, esse artigo, assinado por Thomas Maugh do Los Angeles Times, apresenta as teorias do antropólogo Napoleon Chagnon sobre a suposta violência dos Yanomami como se fossem fatos científicos inquestionáveis, quando há 20 anos elas vêm sendo contestadas por um número crescente de antropólogos de vários países, especialistas na cultura Yanomami. Sua tese, inspirada na Sociobiologia, é que a "violência" Yanomami tem valor adaptativo em termos de maior sucesso na reprodução biológica, sendo perpetuada por "forças evolucionistas" (sic). Baseia-se, na realidade, em extrapolações a partir de dados demográficos que absolutamente não permitem em si mesmos fundamentar quaisquer inferências sobre a interação cultura/genética. Essa impossibilidade já foi enfatizada por vários especialistas em antropologia demográfica, inclusive colaboradores de Chagnon. Estranhamos também a referência ao papel do infanticídio feminino nesse jogo adaptativo, uma vez que o próprio Chagnon, por falta de respostas convincentes às críticas que sofreu, acabou por abandonar esse argumento. Deixemos, porém, aspectos acadêmicos como estes para serem discutidos num fórum mais apropriado.

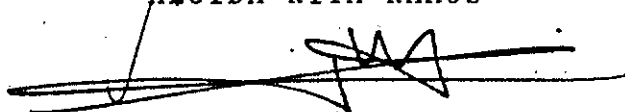
A Sociobiologia é conhecida por ser altamente polêmica devido a seu potencial de servir para justificar posições racistas. É exatamente o que acontece no caso do artigo de Maugh que, apoiado em Chagnon, acaba apresentando os Yanomami como "assassinos por natureza". Isso nos leva ao segundo ponto.

Por que foi publicada a tradução de um artigo desse tipo na seção de Noticiário Geral do Estado de São Paulo justamente neste momento? Lembramos que em maio de 1976 Time Magazine publicou matéria semelhante, sobre os mesmos Yanomami, intitulada "Animalesco ou Humano?", com argumentos virtualmente idênticos; um ano depois, esses argumentos foram evocados por altos funcionários da Funai para justificar um plano de retalhar o território Yanomami em pequenas ilhas que seriam cercadas de corredores de penetração regional, penetração essa que forçaria os índios a abandonar essas pretensas práticas de selvageria. O que perce-

bemos agora é uma reedição da mesma história. Neste momento os Yanomami do Brasil estão sofrendo os efeitos genocidas da invasão de mais de 10 mil garimpeiros, ao mesmo tempo em que uma comissão governamental mista realiza levantamento preliminar à definição e demarcação de seu território. A divulgação justamente agora de matérias como essa tem o peso de uma porta aberta para que se proceda ao desmembramento das terras Yanomami e ao extermínio dos índios com respaldo em argumentos pseudo-científicos que demonstram, antes de mais nada, a irresponsabilidade social de alguns antropólogos e a impudência de quem dela se apropria contra as populações indígenas.



ALCIDIA RITA RAMOS



BRUCE ALBERT

Antropólogos

Universidade de Brasília

Os signatários, doutores em Antropologia e pesquisadores da Universidade de Brasília, têm trabalhado entre os Yanomami do Brasil desde 1968 e 1975, respectivamente.